

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

DE SONHOS E CIFRAS

"EU TIVE UM SONHO" — Em dia de abril passado, realizou-se assembléia geral para avaliação do Projeto Caritas/Inamps. Havia problemas, como há tensões em tudo o que é vivo. A classe médica, sobretudo a classe médica, historicamente elitista e corporativa em nosso País, não se converte fácil para a revirada da pirâmide. O sonho da diocese de Nova Iguaçu, através da Caritas, era fazer a inversão da pirâmide social brasileira, na prestação de serviços médicos comunitários. Não é mais a injustamente designada, com freqüência, máfia de branco que dá a palavra final no projeto. Não vale mais a pose de senhor da vida e da morte; muitas vezes de araque! Não é a empáfia universitária que se tem colocado acima do povão e acima da vida e da morte! Quem dá as ordens é a comunidade da periferia. Este é o sonho!

"SONHEI COM NOVO AMANHECER" — E o jovem médico, ainda com cara de recém-formado, interveio na assembléia, para contar sua deceção. "Sonhei com novo amanhecer, quando entrei no projeto. Pensei que iríamos trair uma nova sociedade, mas já vi que não passou de sonho". Estou reproduzindo livremente a intervenção do companheiro, para lembrar-lhe que, bem antes dele, muitas outras pessoas alimentaram o mesmo sonho. Só que, no sonho anterior destes companheiros, não havia nenhum cavalo encilhado, pronto para montar e levar o sonhador à paz dos 75 mil cruzados mensais (em abril), por quatro horas diárias de serviço. Como se menciona, muita gente sonhou muito antes e teve de fazer força, brigar com a polícia, fechar a Dutra e tantas outras batalhas mais, até conquistarem o projeto comunitário de Saúde, no qual montaram e estão viajando muitos sonhadores temporões e descansados.

BATALHAR É MAIS DESINSTALADOR DO QUE SONHAR — Batalhar resume a vida do pessoal que mora na Baixada Fluminense. Acordar cedinho na madrugada, andar a pé até o ônibus, pegar o ônibus até o

trem, do trem pegar outro ônibus até a obra, na obra suar feito escravo, ao meio-dia comer a marmita de arroz com ovo, de tardinha pegar de novo o ônibus, depois o trem, depois o outro ônibus, depois andar a pé, para chegar em casa para reencontrar a família morto de cansado, dormir algumas horas e, no dia seguinte, retomar o batente. No fim do mês, com o investimento diário de umas doze horas em função do trabalho, receber de um a dois salários míseros: entre 6 a 10 mil cruzados. A indignidade econômica acompanha e produz a indignidade social. É preciso ser gente e ser soldado, para crer neste povo e por ele lutar. Sonhar é pouco! É fácil, quando, recém-formado, já me encontro assegurado, em apenas um dos meus empregos, com 75 mil mensais (a partir deste abril). Para o povão da Baixada, isso é salário de sonho!

OCASIÃO DE SER VEZ E VOZ DOS SEM VEZ E VOZ — Já torna-se cansativo rebater a teca: a diocese de Nova Iguaçu, parte do projeto de saúde através da Caritas, não é patrão nem se sente como tal. A essa altura das tensões — muitas delas naturais e algumas, indevidas — há de se reafirmar que cobraremos inapelavelmente os direitos da comunidade. Não haverá possibilidade de o espírito corporativo apoderar-se do projeto e o projeto, como quase tudo no Brasil, recair em condução elitista e clientelizadora. Todas as precauções e medidas serão tomadas, para que se mantenha a enorme novidade, em convivência social igual à nossa: inversão da pirâmide, nós servindo ao povo, nós perdendo a pose, nós deixando de ser donos da verdade e assumindo posição bem mais verdadeira, isto é: não estamos fazendo favor nenhum, somos empregados do povo, o povo é dono do projeto, pois é de seus salários descontados que os profissionais da medicina estão sendo pagos. E, em vista do que o povão ganha, muito bem pagos!

IMAGEM DESVAIRADA

1. Favela? Nunca pisei nem pretendo pisar o chão sujo da favela. Por quê? Você ainda pergunta por quê? Você nunca entrou na favela? Eu também nunca lá entrei nem entrarei. Basta o que nos contam pessoas fidelíssimas, como nosso vigário que vai lá de vez em quando e volta horrorizado. Primeiro tudo lá é gente baixa, criminosos, marginais, estupradores, assassinos, contraventores, vendedores de drogas, bicheiros, contrabandistas... uma canalha que devia ir pra cadeia ou, muito melhor, pra cadeira elétrica.

2. Agora me vem o padrezinho novo, ainda cheirando a leite, fazer campanha em favor dos favelados. Eu hem? Deus ajuda a quem se ajuda. Esses ociosos e vagabundos não querem trabalhar não, o que eles querem, sabem o que é? Sombra e água fresca, muito futebol, muito carnaval, muita praia. Eu ajudar? Nunca. Se você tira a carteira para dar uma esmola aos favelados, sabe o que acontece? Avançam na sua carteira, no seu dinheiro, no seu relógio, nas suas jóias e somem na terra de ninguém que é a favela. Ajudar? Nunca dos nuncas.

3. Se eles quisessem trabalhar, trabalho é o que não falta. Abra os classificados dos jornais, emprego a rodo, de tudo: copeira, cozinheira, faxineira, artumadeira, passadeira, babá, lavadeira, bordadeira e não sei quantas mais. Trabalho é o que não falta. O que falta é gente disposta para o trabalho, sabe? Isso para mulher. Pra homem tem muito mais emprego. Você pensa que essa gentinha se interessa em ler os classificados? Dizem que não têm dinheiro para comprar jornal. E pra futebol? E pra Carnaval? Ora, me deixem, gente. Estou cansada de escutar lamúrias. Os favelados que procurem. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

A IGREJA AFASTA-SE DAS ELITES DO PODER

• Sobretudo a partir dos anos 60 dá-se na Igreja Católica do Brasil, por vários motivos, uma certa mudança de comportamento e de rumos. A Igreja que tinha sido, durante séculos, uma elite religiosa do poder, comprometida com as outras elites, descobre que o seu lugar evangélico natural não é com o poder, com as elites do poder, mas com o Povo à margem, com o Povão.

• O autor último dessa reviravolta, ou melhor, "conversão", é decerto o Espírito Santo. Mas há numerosos fatores internos — no interior da própria Igreja — e externos — de fora da Igreja — que preparam, causaram e consolidaram a "conversão" da Igreja para os pobres.

• Podemos mencionar os pioneiros, os bandeirantes do Evangelho que foram entre outros um Hélder Câmara, no clero, um Tristão de Athayde, no laicato. Homens como estes anuciaram, por seu espírito profético, uma

etapa nova na vida da Igreja entre nós. • Contribuíram para o processo de "conversão" os diversos movimentos de Ação Católica, de modo particular em suas formas de Ação Católica Juvenil (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC); o "Movimento para um Mundo Melhor", do P. Lombardi SJ, que teve grande aceitação no Brasil; o "Movimento Operário" mexendo nas estruturas injustas de nossa sociedade; o "Movimento Litúrgico" aprofundando a Fé através da renovação da Liturgia e da vivência litúrgica.

• O apoio principal ao processo de "conversão" vem do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), com as consequentes Assembléias do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968) e Puebla (1979). O Vaticano II assume, incorpora, oficializa todas as "novidades" inspiradas pelo Espírito Santo nos decênios anteriores, abre a Igreja para o mundo de hoje, cria com mais coerência

a convicção de que a Igreja de Jesus Cristo é uma Igreja voltada para os pobres. As duas Assembléias Latino-Americanas aplicam à Igreja dos países latino-americanos a doutrina do Vaticano II e descobrem com penetrante clareza a situação pecaminosa das estruturas sociais da América Latina.

• No Brasil teve uma influência notável o rumo assumido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil durante a presidência de Dom Aloísio Lorscheider e de Dom Ivo Lorscheiter.

• Mas também o Povão, humilde e sofredor, manipulado e marginalizado, exerceu uma influência clara sobre a conversão de muitos bispos e padres, de muitos leigos engajados. O sofrimento secular do Povo tocou enfim o coração da Igreja, não só num sentido tradicional de assistência e de "obras de misericórdia", mas sobretudo no sentido de conscientização e de formação para a dignidade da pessoa humana. (A.H.)

13º DOMINGO DO TEMPO COMUM (26-06-1988)

C. = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "CRISTO LAVRADOR", Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA


*O homem que lava a roça da vida,
usa a palavra que foi escolhida,
por Jesus Cristo que é a semente,
pra toda gente plantar e colher, e todo peito
é um eito de terra. Erra quem deixa o mato
crescer.*

Roçar o chão, lavrar as terras do coração.
É grande a roça e poucos roceiros pra que
o celeiro se encha de grãos. Vamos pedir
para o dono da roça braço que possa dar
vida ao sertão.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. O amor de Deus Pai que nos enviou seu Filho; a graça de Jesus e a força do Espírito Santo que nos impele a continuar a missão de Cristo estejam convosco.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Nossa Deus é o Senhor da Vida. Não vivemos para morrer. Morremos para ressuscitar. Embora sabendo isso, preferímos que a morte nunca chegasse. A fé nos diz que a morte não é o fim. Depois da morte vem a vida eterna de perfeita comunhão com Deus e com os irmãos. Descobrimos, através da Palavra de Deus, que a vida na terra é semeada e preservada, na medida em que a abundância de uns supre a carência de outros. Descobrimos mais: Jesus é quem dá a vida, não através de promessas milagreiras. O grande milagre que Ele realiza para dar vida é sua morte libertadora na cruz.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos o que o mundo oferece a milhões de filhos de Deus é a antivida, é vida indigna, é a morte lenta e o abandono total. Agarrados à vida, pisamos uns nos outros. Esquecemos que a grande Vida não é esta que vivemos, mas a que Deus nos preparou. (Pausa para revisão de vida).

S. Confessemos nossos pecados.

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras / atos e omissões / (batendo no peito) por minha culpa / minha tão grande culpa. / E peço à Virgem Maria / aos anjos e santos e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

S. Deus todo-poderoso e cheio de misericórdia tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos renove pelo Espírito para a vida plena.

P. Amém!

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

Glória a Deus no mais alto dos céus!

1. Glória a Deus nosso Pai, seu poder nos criou.

2. Glória a Cristo, seu Filho, que nos resgatou.
3. Glória ao Espírito Santo, que nos confirmou.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, pela vossa graça nos fizestes filhos da luz. Concede que não sejamos envolvidos pelas trevas do erro, mas brilhe em nossas vidas a luz da vossa verdade libertadora. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA


C. Deus não criou a morte. Ela é fruto do pecado do homem. O pecado nos afasta do Senhor da Vida.

L. Leitura do Livro da Sabedoria (1, 13-15; 2,23-24). — “Deus não fez a morte, nem tem prazer com a perdição dos vivos. Ele criou todas as coisas para existirem, e as criaturas do mundo são saudáveis: nelas não há veneno algum destruidor, nem é a morte quem reina sobre a terra, pois a justiça é imortal. Deus criou o homem incorruptível e o fez à imagem de sua própria natureza. Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo, e a experimentam os que a ele pertencem”. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO (Sl 129)

C. O Senhor não deixa que inimigo nenhum, nem mesmo a morte, zombem de nós. Ele tem piedade de nós e nos retira do abismo da morte e nos conduz à Vida. Felizes, nós o louvamos:

Eu louvarei, eu louvarei! Eu louvarei, eu louvarei! Eu louvarei o meu Senhor!

Sl. 1. Eu vos exalto, ó Senhor, pois me livraste / e não deixastes rir de mim meus inimigos! / Vós tirastes minha alma dos abismos / e me salvastes, quando estava já morrendo.

2. Cantai salmos ao Senhor, povo fiel, / dai-lhe graças e invocai seu santo nome! / Pois sua ira dura apenas um momento, / mas sua bondade permanece a vida inteira.

3. Escutai-me, Senhor Deus, tende piedade! / Sede, Senhor, o meu refúgio protetor! / Transformastes o meu pranto em uma festa: / Senhor, meu Deus, eternamente hei de louvar-vos!

9 SEGUNDA LEITURA

C. Testemunhamos que somos cristãos pela prática solidária com os mais pobres. Comunidade existe para repartir a abundância da fé e suprir a carência material dos irmãos.

L. Leitura da 2ª Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios (8,7.9.13-15). — “Irmãos, como vocês são ricos em

tudo — na fé, na palavra, no conhecimento, em toda espécie de solicitude, e no amor que de nós aprenderam — assim mostrem-se ricos também nesta obra de caridade! Pois bem conhecem a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, sendo rico, por vocês se fez pobre, a fim de que, pela pobreza, vocês se tornassem ricos. Não que prestem ajuda aos outros prejudicando-se a si mesmos, mas que haja igualdade! No momento presente, a fartura de vocês supra a penúria deles, a fim de que também a fartura deles sirva à penúria de vocês; e assim haja igualdade como está escrito: “Quem muito recolheu, não teve de sobra, quem pouco recolheu, não sentiu falta”. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

1. Vamos todos bendizer: Ale, ale! Jesus Cristo vai falar: Iuia, iuia! A Palavra de viver: Ale, ale! E que vai nos transformar: Iuia, iuia!
2. Cristo quer um coração: Ação! Ação! Onde o amor possa morar: Orar! Orar! E que saiba perdoar: Doar! Doar! Sem fingir ou reclamar: Amar! Amar!
3. Aleluia, Aleluia!: Iuia, iuia...

11 EVANGELHO

C. Jesus é o vencedor das enfermidades e da morte. Tudo o que Ele pede de nós é a fé, a fé que não apenas cura, mas salva e nos liberta do poder da morte.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos (5,21-43).

P. Glória a vós, Senhor!

S. Naquele tempo, Jesus embarcou e foi de novo para a outra margem. Uma numerosa multidão se reuniu junto dele, e Jesus ficou na praia. Um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, aproximou-se. Quando viu Jesus, caiu a seus pés e pediu com insistência: “Minha filhinha está morrendo. Vem e põe as mãos sobre ela, para que ela sare e viva!” Ele acompanhou Jairo. Uma numerosa multidão o seguia e o comprimia. Aí chegou uma mulher que, há doze anos, estava com uma hemorragia; tinha sofrido na mão de muitos médicos, gastou tudo o que possuía e, em vez de melhorar, piorava cada vez mais. Tinha ouvido falar de Jesus. Aproximou-se dele por detrás, no meio da multidão e tocou na sua roupa, pois pensava: “Se eu ao menos tocar na roupa dele, ficarei curada”. A hemorragia parou imediatamente e a mulher sentiu dentro de si que estava curada da doença. Jesus logo percebeu que uma força tinha saído dele; voltou-se no meio da multidão

e perguntou: "Quem tocou na minha roupa?" Os discípulos disseram: "Estás vendo a multidão que te comprime e ainda perguntas: 'Quem me tocou?'" Mas ele olhava em volta para ver quem tinha feito aquilo. A mulher, tremendo, percebeu o que lhe havia acontecido; veio, caiu aos pés de Jesus e contou toda a verdade. Ele disse: "Filha, sua fé a curou. Vá em paz e fique curada dessa doença". Estava ainda falando, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga e disseram a Jairo: "Sua filha morreu. Por que ainda incomodar o mestre?" Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: "Não tenha medo; basta ter fé!" E não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e como estavam chorando e gritando. Entrou e disse: "Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu, mas está dormindo". Começaram a caçoar, mas ele mandou que todos saíssem, menos o pai e a mãe da menina e os três discípulos que o acompanhavam. Depois entraram no quarto onde estava a criança. Jesus pegou a mão da menina e disse: "Menina, levante-se!" Ela levantou-se imediatamente e começou a andar, pois tinha doze anos. E todos ficaram muito admirados. Ele recomendou, com insistência, que ninguém ficasse sabendo daquilo. E mandou dar de comer à menina. — Palavra da Salvação. — P. Graças a Deus!

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra /
e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Nosso Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos. Ele não se alegra com a morte de ninguém. Peçamos-lhe que nos dê a vida que não tem fim:

L1. Lembremo-nos de operários, lavradores, padres, freiras, leigos engajados, sindicalistas, advogados, marcados para morrer, porque defendem o oprimido e lutam pelo Reino de Deus:

P. Nem a vida, nem a morte vão nos separar de Deus. Mais que a vida, mais que a morte é o eterno amor de Deus!

L2. Lembremo-nos dos nossos mártires: D. Oscar Romero, Pe. Ezequiel Ramim, Pe. Jo-

simo, Santo Dias, Margarida Alves, Frei Titto, Nativo (citar outros); mortos e assassinados por crer no mundo novo e defender os pobres:

L3. Lembremo-nos da gente simples de nosso bairro: doentes, aposentados, desempregados, assalariado, negro, menor abandonado... (Outras intenções da comunidade...).

S. Em vosso Filho, ó Deus, trouxestes Vida em abundância a todos nós. Fazei que, ajudados pelos irmãos, partilhemos o que nos sobra e, se não temos o que sobra, partilhemos nossa pobreza na solidariedade de filhos de Deus. Por Cristo nosso Senhor. P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS



Este pão já foi semente que a gente lá na roça semeou para que possa ter comida quem semeia. Pra que Deus agora faça desta massa o Pão da ceia.

1. Nossas mãos cheias de calos, da enxada que puxamos, representam o trabalho que agora ofertamos.
2. Ofertamos nossos frutos e também o coração, para o Cristo que alimenta, fazer deles outro Pão.
3. Ofertamos nosso amor e a dor que faz chorar, pois o pranto é a melhor chuva pro amor frutificar.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. O Deus, garantis e assegurais os frutos dos vossos sacramentos. Concedei que o povo, reunido para vos servir, corresponda à santidadade de vossos dons. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCHARÍSTICA



(Prefácio próprio):

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):



S. Eis o mistério da fé.



P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte, / enquanto esperamos a vossa vinda.

18 CANTO DA COMUNHÃO



Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente!

1. Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor; reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão: Onde está o teu irmão, Eu estou presente nele!

2. Quem comer o Pão da Vida viverá eternamente. Tenho pena deste Povo que não tem o que comer:

Onde está um irmão com fome, Eu estou com fome nele!

3. Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males. Hoje és minha presença junto a todo sofror: Onde sofre o teu irmão, Eu estou sofrendo nele!

4. Entreguei a minha vida pela salvação de todos. Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes: Onde morre o teu irmão, Eu estou morrendo nele!

5. Vim buscar e vim salvar o que estava já perdido. Busca, salva e reconduze a quem perdeu toda esperança: Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele!

6. Não apago o fogo tênue do pavio que fumega. Reconstrói e reanima toda vida que se apaga: Onde vive o teu irmão, Eu estou vivendo nele!

7. Salvará a sua vida quem a perde, quem a doa. Eu não deixo perecer nenhum daqueles que são meus: Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele!

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, — que oferecemos em sacrifício e recebemos em comunhão —, nos transmitam vida nova. Unidos a vós pela caridade que não passa, possamos produzir frutos que permaneçam. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Depois de dar vida à menina morta, Jesus manda que lhe dêem de comer. Como podemos exigir que nosso povo trabalhe e viva, e lhe negamos comida? Como podem nossas crianças sobreviverem, se vêm à vida já passando fome? Dar e ter vida só é possível com o mínimo necessário à sobrevivência. Vida não se conquista com exorcismos, curas milagrosas. Vida se conquista com muita fé em Deus e partilha fraternal, com oração e ação. Que a abundância de uns poucos seja vida para os muitos que nada têm.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor da Vida nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Caminheiro, companheiro, este caminho é mesmo estreito, ele foi feito bem agreste, e nele o Mestre caminhou. Entre pô, poeira, espinho, entre as pedras do caminho, e, de todos caminheiros, foi o primeiro que chegou. Caminheiro, companheiro, ponha o pé nessa estrada. Se ficar na encruzilhada, nunca vai poder chegar.

2. Caminheiro, companheiro, leve a luz que alumia, mas que o sol do meio-dia, pra você não tropeçar. Leve junto a família, companheiros e amigos, pois em caso de perigo, todos podem se ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

- 2ª-feira: Am 2,6-10.13-16; Mt 8,18-22. / 3ª-feira: Am 3,1-8; 4,11-12; Mt 8,23-27. / 4ª-feira: Am 5,14-15.21-24; Mt 8,28-34. / 5ª-feira: Am 7,10-17; Mt 9,1-8. / 6ª-feira: Am 8,4-6.9-12; Mt 9,9-13. / Sábado: Am 9,11-15; Mt 9,14-17 Missa Vespertina: At 3,1-10; Gl 1,11-20; Jo 21,15-19. / Domingo: At 12,1-11; 2Tm 4,6-8.17-18; Mt 16,13-19 (São Pedro e São Paulo — Dia do Papa).

ÊXODO: DEUS NA LIBERTAÇÃO DOS HOMENS

A história do Êxodo aparece como um milagre contínuo, desde o começo (vocação de Moisés) até o fim (travessia do Jordão, após 40 anos de viagem pelo deserto). Não negamos a realidade do milagre, mas é estranho que hoje, quando tantos povos necessitam de uma idêntica libertação, esses milagres já não se repetem. Deus mudou? Ou somos nós piores? Onde está o milagre? Cremos num Deus libertador. Mas onde ele está hoje? A liberdade está morrendo no coração dos homens, tanto dos ricos como dos pobres, por tantos fatores que nós mesmos criamos. Onde está o nosso Deus e sua liberdade?

Muitos cansaram de esperar e já passaram à ação libertadora: Checoslováquia, Vietnam, Negros da América do Norte, Cuba, Nicarágua etc. No mundo inteiro, surgem as assim chamadas Frentes de Libertação Nacional, operários e marginalizados vão tomando consciência e passam à ação. Tudo isso tem algo a ver com o nosso Deus? Os que assim lutam geralmente prescindem de Deus. Nele não pensam e, parece, dele não precisam. Uma acusação freqüente contra os cristãos: Vocês se dizem livres, mas vivem amarrados por leis e tradições, impostas pelo Deus Libertador! Falam de liberdade, mas não a

ostentam na vida. Parecem-se com o mendigo oprimido, que se gloriava de ser descendente do Imperador de Roma. Livres de fato somos nós, que nos libertamos desse Deus! Que adianta concretamente para a vida crer no Deus Libertador?

São dificuldades sérias, que colocam em questão aquilo que a Bíblia nos diz sobre a libertação do Êxodo. Parece que o esquema, com o qual encaramos a Bíblia e a religião, nos leva a interpretar erradamente as coisas! Na Bíblia, existem muitas descrições do Êxodo: nos livros do Êxodo e Números; no Deuteronômio; no Livro da Sabedoria (cf. 10:19); nos Salmos 77,104,105,133; referências freqüentes nos livros proféticos, sobretudo em Isaías (cf. 40:45). Portanto, o fato do Êxodo é lembrado em diversos livros de pessoas diferentes, elaborados em épocas diferentes, e é descrito em quase todas as formas literárias possíveis: prosa e poesia, história e profecia, hino e narração, liturgia e sabedoria. Sinal de que se trata de fato extremamente importante para a vida do povo: todos dele falavam e todos o comentavam através dos séculos.

Qual é o motivo desse interesse tão grande do povo pelo Êxodo? Esse motivo se descobre, analisando a maneira de eles falarem

Carlos Mesters

do Êxodo. Na descrição desse fato, encontramos as seguintes particularidades que podem uma explicação: 1) repetições freqüentes dentro do Livro do Êxodo (duas vezes a história do maná, das codornizes, da água que sai da rocha, da vocação de Moisés, da entrega do Decálogo etc. 2) exageros manifestos como, por exemplo, na poesia de Ex 15 e no Livro da Sabedoria, quando este descreve as pragas; 3) incertezas desconcertantes: o salmo 77 enumera 7 pragas, o salmo 104 conhece 8 pragas, enquanto o Livro do Êxodo relata 10 pragas; mas é sabido que o Livro do Êxodo se compõe de 3 tradições mais antigas: "javista", do século X, com 7 pragas; "eloísta", do século IX-VIII, com 5 pragas; e "sacerdotal", do século V-IV, com 5 pragas, que não combinam com as 5 do "eloísta"; 4) uma acentuação progressiva no aspecto milagroso: o "javista" diz que só a água tirada do Nilo virou sangue (Ex 4,9); o "eloísta" diz que toda a água do Nilo virou sangue (Ex 7,20); o "sacerdotal" diz que toda a água do Nilo virou sangue (Ex 7,19); enquanto no Livro da Sabedoria, do século I antes de Cristo, se dizem coisas mais fabulosas ainda, a respeito das pragas. Como entender? Veremos nas próximas Folhas.

EM TORNO DA LITURGIA

CELEBRAÇÃO ADAPTADA À ÍDOLE DO PVO

Hoje o tema da adaptação da Liturgia, sobre tudo da Missa, à índole do povo está muito em voga. Por isso, uma palavra sobre o assunto será de grande proveito para uma vivência mais profunda da Missa.

Primeiramente, dois exageros devem ser evitados. Primeiro, a execução rígida e legalista dos Rituais, e segundo, uma improvisação descabida.

Considerando isso, podemos apresentar várias características de uma boa celebração.

Antes de tudo, que a celebração seja bem preparada e bem feita. Celebrar bem, vivendo os ritos com convicção, como expressão da fé acreditando na presença e na ação de Jesus Cristo, primeiro agente na Liturgia. Explorar todas as possibilidades e opções oferecidas pelo Ritual da Missa. Não só o que é obrigatório, mas o que é facultativo como, por exemplo, a procissão de entrada,

a escolha das Orações eucarísticas, dos cantos, do tipo de Missa cantada.

Aproveitar os espaços mais livres, para uma sadia criatividade: O Ato penitencial, a homilia, a preparação das oferendas, o agradecimento depois da Comunhão. Muito se pode fazer neste sentido.

O jeito ou a maneira de celebrar, que se inspira sobretudo em dois fatores: o tempo de comunidade que celebra e o modelo de Igreja que se tem. Um é o jeito de se celebrar na catedral, outro, numa igreja matriz, outro ainda numa capela ou pequena comunidade. Em todas as comunidades deve brilhar uma nobre simplicidade. A compreensão que se tem de Cristo, da Igreja, do homem moderno vai refletir naturalmente sobre o modo de celebrar. Trata-se então de fazer com que a vida da Igreja, como se expressa, por exemplo, nas Diretrizes gerais da Ação

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Pastoral da CNBB, seja acolhida e expressa na celebração.

Acolhimento de símbolos da linguagem popular. Existem aqui várias fontes de inspiração: Experiências ricas feitas por comunidades paroquiais, elementos buscados na vivência das CEBs, expressões de grupos de oração e elementos da piedade popular. Não se trata de fazer uma mera colagem de elementos da piedade popular na Liturgia. Será preciso estudar bem as características ou as constantes da expressão religiosa da piedade popular, para, então, se expressar a Liturgia com tais características.

Finalmente, podemos pensar em adaptações mais profundas que exigem experiências orientadas em nível de Conferência Nacional dos Bispos, para serem introduzidas nos Rituais. Isso, sem falar da inculcação da Liturgia nas diversas culturas, como dos negro-brasileiros, dos índios e dos orientais.

IGREJA LATINO-AMERICANA E QUESTÕES SOCIAIS

Na América Latina, os documentos de Medellín (1968) e Puebla (1979) traduzem a crescente consciência eclesial de que é preciso aprofundar as análises, para perceber as causas institucionais e estruturais da injustiça. É nessas raízes que se manifesta o pecado pessoal e social, e até elas devem chegar à verdadeira e plena conversão. Em Medellín, a Igreja assume de modo direto a luta pela libertação integral do homem, e nela inclui a libertação socioeconômica. Em Puebla, a libertação passa a incluir um processo de comunhão e participação e a organização do povo pobre.

Puebla, em seqüência a Medellín, denuncia e condena a discriminação e marginalização de milhões de pessoas, justificada pelo falso princípio da não igualdade fundamental dos homens: "Semelhante visão da pessoa se manifesta não só em teorias, mas em expressões

e atitudes dos que se julgam superiores aos outros". Ao proclamar sua opção preferencial pelos pobres, a Igreja afirma que existem, no continente latino-americano, duas categorias de pessoas em permanente pobreza: "os índios, sem acesso aos bens da sociedade e, em certos casos, não evangelizados ou insuficientemente evangelizados; e os afro-americanos, que são tantas vezes esquecidos" (P 365).

A influência do Concílio Vaticano II foi de importância capital para a renovação da Igreja no Brasil. De imediato, a preocupação foi com a renovação interna da Igreja, sob o impulso da *Lumen Gentium*: liturgia, vida religiosa, vida sacerdotal, paróquias etc. Os primeiros temas da Campanha da Fraternidade estiveram ligados a esta fase: "Lembre-se: você também é Igreja" (1964); "Faça da sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor" (1965) etc.

A preparação e realização de Medellín (1968) e os acontecimentos políticos em nosso continente despertaram a Igreja para as tramas político-econômicas do acelerado empobrecimento dos povos latino-americanos e para as implicações de documentos como *Gaudium et Spes, Populorum Progressio* (Paulo VI, 1967) e do Sínodo sobre "A justiça no mundo" (1971).

As consequências do endurecimento do regime de exceção, especialmente a partir da Lei de Segurança Nacional (1968), ajudaram a Igreja a assumir, de modo mais ostensivo, sua dimensão profética de denúncia dos abusos do poder constituído e de defesa dos perseguidos. A Igreja hierárquica, já em processo de renovação conciliar, aproxima-se cada vez mais, do povo oprimido e passa a ser "a voz dos que não podem falar" durante os anos mais obscuros dos governos de exceção.